

Leib e corpo próprio – um diálogo entre a fenomenologia de Husserl e a antropologia de Henrique de Lima Vaz

José Honorato Pereira³

Resumo: O presente trabalho, “*LEIB E O CORPO PRÓPRIO – Um Diálogo Entre a Fenomenologia de Husserl e a Antropologia de Henrique de Lima Vaz*”, tem como escopo a temática do corpo (*Körper*, *Leib* e *Corpo-Próprio*), que se desenvolverá por meio da projeção tanto do pensamento fenomenológico de Edmund Husserl e a Antropologia Filosófica de Henrique Cláudio de Lima Vaz. Assim, elencar-se-á os elementos que darão o suporte necessário à busca por uma compreensão mais ampla sobre o corpo em si e de suas funções no que concerne à significação plena de sua presença, sendo que, encontrar-se-á envolta em uma dimensão humana existencial. Então, em E. Husserl ter-se-á as experiências do *Körper*, que de forma compreensiva, objetivará afirmá-lo como vivência, ou seja, como *Leib*, envolvendo os eventos que culminarão e compreenderão as propostas que ampliarão as percepções do próprio corpo para além do simples ser e ter um corpo. Desta forma, ele será compreendido como condição, que representará sua mobilidade, que, se apresenta a partir das sensações e percepções, tornando possível os movimentos deflagrados estímulos e, por meio deles, poder-se-á se mostrar em ato, por onde, seu horizonte, a espacialidade, estabelecerá relações com e os objetos de maneira geral, passando a ser visto como a condição que possibilitará todas as experiências. Portanto, o *leib*, será explicado e explicitado no que é vivo, vivido e vivenciado. Já, no que tange à Antropologia Filosófica de H. de Lima Vaz, partir-se-á do *corpo próprio*, que se firmará como o que caracteriza e situa o homem, no tocante à corporeidade, que tem como ponto central, a tematização do homem no mundo por seu corpo. No entanto, sua atenção não será canalizada específica e unicamente, nos domínios físicos e biológicos. Contudo, não quer dizer que os desprezará, mas, estes aspectos (físicos e Biológicos), serão tratados como partes constituintes da expressão do ser do homem, sendo, portanto, uma estrutura fundamental, que levará em conta as percepções e as experiências e estas, ligadas à capacidade de transcender, evidenciando, dessa forma, a existência de uma consciência plena sobre o seu papel e sua importância. Assim, estruturalmente, poder-se-á categorizá-lo em sua totalidade, considerando-o tanto em sua exterioridade, quanto em sua interioridade, afirmando-se dialeticamente sua base predicativa e nesta estabelecer-se-á a pluralidade que define o homem em sua corporeidade, circunscrevendo uma espacialidade temporal que, intencionalmente, se faz presente em seu ser. Assim, em Vaz, a utilização do conceito de *corpo próprio* designa o atributo fundamental que expressa o ser sujeito sobre o próprio sujeito. Então, ambos buscaram, tanto por meio das reflexões fenomenológicas, quanto pelas análises e sínteses antropológicas, superar as visões reducionistas, dicotômicas e dualistas presentes nas abordagens das vertentes que os precederam, podendo concluir que a categorização da corporeidade será o ponto de partida no processo de compreensibilidade do autoconhecer, por meio do qual se estabelecerá a essencial condição do ser corporal do homem.

Palavras-chaves: *Körper*, *leib*, corpo próprio, vivências, intencionalidade.

3 José Honorato Pereira, Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2019). Graduado em Filosofia pela PUC Minas BH (1993), Especialista em História Contemporânea e Geografia Física/Meio Ambiente pela FAFIC/UNEC Caratinga e Mestre em Consultoria e Auditoria Ambiental pela Universidade de Las-Palmas de Gran-Canária/Espanha (2006).

O CORPO: LEIB E CORPO PRÓPRIO

O movimento que circunscreve o desenvolvimento da temática sobre o corpo, enquanto corporeidade, foi e ainda é assunto para grandes discursões e produções que, por assim dizer, acabaram envolvendo toda a tradição filosófica, abarcando de Platão a Tomás, dos pensadores da modernidade à contemporaneidade. Porém, foi, na percepção deste trabalho, na contemporaneidade, séculos XIX, XX e porque não, o iniciante XXI, onde se buscou formas, parâmetros, possibilidades e mecanismos de superação epistemológica, metodológica e antropológica, para o velho paradigma dualistas (sujeito/objeto), que sempre limitou o real desenvolvimento do tema.

Partindo de uma concepção puramente conceitual, objetiva e geral sobre o corpo, ter-se-á, a priori, que ele é um utensílio, um instrumento, o meio que o homem utiliza para estar no mundo. Desta forma, poder-se-á caracterizá-lo como possibilidades de ação e de reação às condições básicas que são oferecidas a este homem, apenas como meio de um estar no mundo, ressaltando-se que, em tal condição e circunstância, ele é uma simples e pura coisa, sendo, no entanto, vitimado por uma processual redução, que se mostrará absurda, tanto para Husserl, quanto para Lima Vaz, no que remete ao homem como um ser de presença ou como aquele que já é.

O presente texto buscará, em Edmund Husserl e em Henrique Cláudio de Lima Vaz, elencar os mecanismos e os elementos de análises do e sobre o corpo e sua corporeidade, sem contudo pretender ser a última palavra, mas, sem dúvida, assumindo a pretensão de encaminhar, de maneira sustentável, uma renovada visão e uma compreensão mais ampla sobre tal problemática, principalmente, no que concerne aos seus significados e às funções existentes em sua intrincada presença e em seu complexo modo de ser, é claro que, ancorando-a em uma dimensão humanamente real e existente. Dessa forma, caber-nos-á, neste ponto, introduzir a problemática e para isso, partiremos da questão onde se indaga sobre o que é o corpo (?). Tendo em vista a explanação, considerando a já mencionada necessidade de aprofundamento e dentro do objetivo desta proposta, concentrar-se-á, no que tange ao pensamento de Husserl, essencialmente no “*Leib*”, contudo, sem perder de vista o *Körper*. Já, em Lima Vaz no “*Corpo-Próprio*”. Assim, para o pleno desenvolvimento desta análise, far-se-á um breve paralelo, onde confrontar-se-á algumas posições, com vistas a elucidar os aspectos relevantes tanto na teoria fenomenológica de Husserl, quanto na antropologia realista de Lima Vaz.

Portanto, para fins de análise e aprofundamento, será proposto uma ampliação deste conceito, com o intuito de entender e, assim, vislumbrar sua real dimensão, enfatizando sua verdadeira e total presença que se consolidará em sua existência, seja como manifestação, seja como realização.

HUSSERL E O LEIB

Husserl, no que concerne à sua forma de pensar, foi um crítico do dualismo epistemológico (sujeito/objeto), persistentemente presente, como já destacado acima, em parte significativa da tradição filosófica, mas que ganhou maior visibilidade na modernidade, sobretudo a partir da defesa do “Eu pensante” (*cogito*). Tendo em vista superar tal dualismos, sua crítica teve como ponto de partida a ideia de uma corporeidade, tendo-a como algo que não se trata apenas de uma somaticidade ou de uma simples materialidade. Entretanto, o que se pode observar, a partir do contexto da modernidade, foi o fato de que, em geral, tratava-se de ter um corpo, sendo, portanto, apenas um corpo. Mas, no contexto husserliano ele, o corpo, ganhará consistência, acima de tudo, por envolver os eventos que, finalmente, culminarão no encaminhamento das propostas que compreenderão, antes de tudo, o fato de ser um corpo, neste caso, significando mais que simplesmente ter um corpo.

Portanto, para tal evidenciamento, ele proporrá uma diferenciação entre *Körper*, que, a priori, constitui a forma de um homem ou de um animal, ou seja, a aparência externa aplicada, tanto a um ser humano, quanto a um animal. Mas, será no o *Leib*, aqui englobando o que é e o que possui vida, que ele tematizará a corporeidade, buscando esclarecer que o corpo é próprio de um sujeito e este se encontra no espaço e é por este que ele entra em contato com o mundo. Então, o termo *körper*, em Husserl, representará, simplesmente, uma germanização do termo *corpus*, que em latim quer dizer algo ou uma materialidade, correspondendo, em sua generalidade, a qualquer conteúdo que tenha a capacidade de sensibilizar ou preencher a consciência. Entretanto, para ele, o corpo não será, simplesmente, *körper*, mas *leib*, representando uma indiferenciação entre materialidade (corpo) e vida, sendo, desta forma, algo anímico ou próprio. Assim, Husserl optará, especificamente, pelo *leib*, ressaltando aqui, que em nenhum momento, ele demonstrou a pretensão de desprezar, de dispensar a materialidade e a somaticidade do *körper*, pois, o que ele é, somente será, se também for, em sua generalidade. Então, argumentar-se-á que o anímico ou o que é próprio de um ser, só é e só se mostrará junto com o corpóreo (*körper*), valendo-se, porém, de suas experiências. Contudo, a unidade *leib* e *körper*, não implicará, em nenhum momento, concepções dicotômicas e rivalizantes, evidenciadas, sobretudo, nos ideais racionalistas inatistas, bem como nas derivadas dos hábitos empíricos. Neste sentido, o *leib* não poderá ser compreendido apenas como uma parte presente em uma totalidade, mas como uma face externa que aparece como uma consciência, pois, o que eu sou, só poderá sentir o exterior e assim, exteriorizar suas vontades pelo corpo. Portanto, o corpo, *leib*, será compreendido como condição. Para tanto, Husserl analisará sua relação com espacialidade e por meio dela, conceituará como cinestesia, significando um conjunto de sensações que torna possível perceber os movimentos causados pelos estímulos do próprio corpo, representando a capacidade de se movimentar, ou seja, o ato por onde, seu horizonte e a sua espacialidade buscará relação com suas apreensões e suas percepções sobre

os objetos de maneira geral, passando a ser visto como a condição que possibilitará todas as experiências. Assim, segundo Benedetti (2016, p. 180),

se permanecemos apenas com as sensações que tem a função objetivante para as coisas, então descobrimos que elas envolvem uma apreensão dupla, primeiro a que possibilita o aparecimento das coisas físicas e também o aparecimento do corpo (Leib) enquanto coisa física e, depois, a que possibilita o corpo aparecer enquanto sensível, enquanto portadora de tais sensações. Das sensações objetivantes surgem, ligadas a elas, determinações de um tipo espacial, ocorrências subjetivas conectadas ao corpo, localizadas nele. Se vamos além do domínio da aparência própria e da aparência em geral, então surge por fim a introjecção de todas as sensações e todas as aparências no eu e no eu-corpo (*Ichleib*).

Considerando a tradição, poder-se-á afirmar que o corpo, até este ponto, foi trabalhado, compreendido e detalhado a partir de analogias mecanicistas e de parâmetros ligados aos fundamentos do automatismo. Mas, nas reflexões husserlianas, ele será elevado à categoria de objeto, pois, será nele que o sujeito encontrará a si mesmo e que, em certa medida, representará uma contraposição aos reducionismos que sempre consideraram todos os corpos como iguais. Portanto, a partir de Husserl, o corpo se tornará um agente de dinâmicas corporais, constituindo não apenas uma consciência do movimento, mas algo capaz de ser e de representar uma mobilidade. Desta forma, se configurará como uma constituição espacial, um processo de objetivação e de significação, considerando-o como origem, implicando, desta forma, o existir do eu-no-mundo, funcionando como elemento responsável pela presença física do eu, que só poderá se realizar pela efetivação intencional por meio do “*leib*”, ou seja, do que é próprio, neste caso, o corpo. Assim, será pela intencionalidade que a experiência se mostrará como horizonte doador de sentidos e de significados, se desenvolvendo corporeamente, não mais de forma ideal ou desencarnada, mas viabilizada pelas percepções do exterior e atualizadas constantemente pelas trocas de informações. Contudo, o *leib* será explicado e explicitado no que é vivo, vivido e vivenciado. Desta forma, haverá a elucidação das bases necessárias para a superação das tradições dualistas, sintetizadas, enfim, em suas vivências e estas, em funcionalidades e intencionalidades. Assim, para Barco (2012, p. 05), o *leib* consistirá em um processo onde a experiência do próprio eu, o evidenciara como um corpo vivo e funcionante (não mais como mera coisa), quando ele mesmo se experimenta como uma coisa, sendo experimentado de modo duplo, unindo-se como coisa experimentada e, ao mesmo tempo, como um corpo vivo funcionante e experimentador.

Então, o funcionamento do corpo como vivo pressupõe sua objetivação e, neste caso, mesmo tematizando o corpo como objeto, não se poderá negar sua capacidade de experimentar. Portanto, o corpo vivo funciona antes e durante, ou seja, por todo o processo reflexivo e raciocinativo. Neste ponto, ao *leib* caberá, por meio de suas experiências, intermediar a conexão entre a dimensão interna e a externa como, também, participar da formação da

consciência e da fixação de sua presença. No entanto, ele não inferirá ter sensações, mas, simultaneamente, lhe será permitido ter uma consciência sobre elas.

No que concerne ao *leib*, enfatizar-se-á que a noção de corporeidade, consistirá na possibilidade eminente de superação das dicotomias – sujeito/objeto, razão/sensação, mente/corpo. Então, propor-se-á sua conceituação, partindo dos processos e das experiências corporais, por meio das quais estabelecer-se-á sua dependência em relação à sensibilidade. Assim, mais do que ter um corpo, será preciso, ser o sujeito situado em tempo e espaço, considerando as influências que suas experiências acarretarão sobre o seu agir. Enquanto *leib*, ele guardará as conexões com os ideais de vida, transformando-as em algo que não é mera materialidade, o que permitirá a Husserl, utilizar, de forma irrestrita, o *leib* para se referir ao corpo como coisa, bem como, para designá-lo como vivo. Nele, encontrar-se-á implícito, o conceito de subjetividade associado às experiências, promovendo, desta forma, um processo de individualização.

Porém, após as sucessivas reduções, já apontadas, ele reivindicará a inserção da ideia de pertencimento, que encaminhar-nos-á à rupturas no padrão monolítico objetivista, passando, no que concerne ao *leib*, ao encontro do meu próprio corpo, distinguindo-se de todos os outros e que não é somente um corpo, mas o meu corpo, que eu coordeno, a partir do campo das minhas percepções, de modo diferenciado, variando de acordo com as correspondentes sensações. Portanto, ele, o corpo, será considerado experiência viva, que se encontra vinculado às possibilidades e as condições do comportamento humano.

LIMA VAZ E O CORPO PRÓPRIO

Tendo esclarecido a respeito da posição husserliana, encaminhar-nos-emos, então, a partir deste ponto, as ideias presentes no pensamento de Henrique Cláudio de Lima Vaz, que compreende o corpo problematizado como próprio. Então, no tocante à corporeidade, concentrar-se-á no corpo, no que concerne à tematização do homem no mundo por seu corpo, como uma constituição, uma expressão do ser do homem, uma estrutura fundamental que considerará suas experiências e sobretudo e categorialmente, sua efetiva capacidade de transcender, evidenciando a existência de uma consciência plena sobre o seu papel e sua importância, mas, sem se preocupar, a priori, com os conceitos físicos e biológicos, no entanto, isso não quer dizer, que ele os desprezará. Porém, segundo, Vaz (2011, p 178),

a simbolização do corpo em seus aspectos mais diversos é, indiscutivelmente um dos polos organizadores do imaginário social das sociedades conhecidas e particularmente da sociedade contemporânea. Assim, por exemplo, a história da cultura ocidental (para não falar de outras tradições culturais) podem ser reconhecidas em um de seus aspectos fundamentais acompanhando-se as formas e as vicissitudes da simbólica do corpo.

Em Lima Vaz, o problema filosófico que envolve a questão, consistirá, portanto, no processo de categorização da corporeidade. Entretanto, sob o ponto de vista de sua Antropologia, a problemática terá como ponto de partida, uma compreensão estrutural, por meio da qual, o corpo corresponderá a uma capacidade inerente ao homem, um meio de entender a si mesmo em sua condição corporal e, desta forma, própria. Assim, o evidenciamento da categorização do corpo, almejará distinguir e compreender a substancialidade, a essencialidade e a sua materialidade, com vistas a atingir a totalidade tanto física (somático/biológico), quanto intencional (corpo próprio). Portanto, em Vaz (2011, p. 179), o corpo como próprio, será portador e detentor de uma totalidade e esta portadora de uma intencionalidade. Assim, o corpo poderá e será assumido pelo sujeito, em sua capacidade de se autoexpressar, podendo dessa forma tratar de um eu corpóreo, considerando-o para além de sua corporeidade.

Então, a questão que aqui se coloca, envolve tanto o ser, quanto o ter um corpo, considerando que, para o homem, o corpo é uma vivência, mas, também, uma intencionalidade. Entretanto, é por ele que o homem será uma presença e, conseqüentemente, conseguirá compreender sua fisiologia que estará ligada à sua intenção. Enquanto intenção, o homem é naturalmente uma situação, um estar-aí, uma presença em seu sentido próprio. No estar-aí, ele é o corpo, que se encontra sujeito às leis da física, caracterizando-se como um horizonte junto à natureza e desta forma dada. Mas é pelo aí que ele se apresentará como situação e esta, corresponderá a sua dimensão histórica que orientará sua busca, tendo em vista a satisfação de suas necessidades.

Contudo, a condição do estar-aí será sempre situação espaço-temporal, aqui e agora. No entanto, pelo estar e pelo aí, se evidenciará sua dupla presença, compreendendo a natureza e a intencionalidade, e por estar aí, o homem se fará presença no mundo, no espaço e no tempo humano, envolto, estruturalmente, pela cultura, pelas condições psíquicas e pela sociedade. Assim, tendo por base estas noções, poder-se-á detalhá-lo em quatro níveis: O físico/biológico – que consiste na imagem do corpo que se manifesta como postura e ritmo; O cultural – correspondendo às técnicas, modelos e aos condicionamentos. Assim, será na figura corporal que destacará os jogos, os exercícios e as atividades que desenvolverão as condutas e as posturas interpessoais; O psíquico – compreendendo o processo de ordenamento afetivo, que significará o corpo por suas emoções e por seus sentimentos advindos de sua imagem, modelando, desta forma, afetivamente, o ser espaço/temporal; O social – envolvendo sinais e gestos, em especial a linguagem que o corpo configurou, pois, ao configurá-la, produzirá a ordem da comunicação, entrando claramente nos domínios da expressão. Entretanto, o estar-aí e o ser-aí é um processo de mediação empírica, que se dá no corpo como dado ou natureza, mas é também, em sua forma, que ele se tornará, propriamente, o corpo humano. Assim, é neste nível que, segundo Vaz (2011, p. 181),

se constitui efetivamente uma internacionalidade subjetiva do corpo que exprime na corporeidade do eu, reestruturando corporalmente

o espaço/tempo físico-biológico e o espaço/tempo psíquico em uma intencionalidade intersubjetiva do corpo, que reestrutura corporalmente o espaço/tempo social e o espaço/tempo cultural.

Então, partindo das premissas e das explicações propostas pelas ciências da natureza, ele, o corpo, será um objeto que não representa uma efetiva preocupação com o corpo próprio, sendo, no entanto, uma composição física que compreenderá algo que lhe é simplesmente dado. Destaca-se, portanto que, quando isso ocorre, evidencia-se a processual redução, já tratada anteriormente e que, desta forma, não contemplará o ser do corpo como um todo, não conseguindo representá-lo plenamente, pois, nesta situação, não se integraria à totalidade da vida enquanto vivida. Contudo, concluir-se-á, no que tange à referida redução, que haveria uma ineficiência na tarefa de conceituar, tanto por sua apresentação fenomênica, que, como vimos, conduziu-nos a certa coisificação, quanto em sua busca metodológica, por onde, aprioristicamente, ao longo da tradição, criou-se a impossibilidade de detalhá-lo enquanto tal e em sua totalidade. Sob essa condição, a mediação entre o dado e a forma será exercida pelo sujeito, como algo que se encontra submetido às regras que, intencionalmente, o distanciará do seu próprio corpo. Neste distanciamento o homem adquirirá conhecimentos e estes se manifestarão na forma de conceitos, leis e saberes empíricos, impondo, por fim, a necessidade da compreensão e da caracterização do corpo, que foi objetivado nesse processo. Entretanto, neste estágio de compreensão, inserir-se-á as noções filosóficas, que colocarão o ser do homem diante do paradoxo do corpo como *leib* ou como *Körper*, provocando, assim, uma reflexão sobre si mesmo, com vistas à própria compreensão.

O que se pode observar, até agora, é que nos deparamos primeiro com a experiência do corpo e segundo com sua alteridade, ou seja, sua relação com o Eu observante e racionalizante. Mas tanto no primeiro quanto no segundo caso, ele, o corpo, se mostrou como lugar ou campo da expressão e da significação do Eu, estruturalmente constituído em sua essência imediata, sendo esta, a marca de sua presença no mundo: a corporalidade. Portanto, será, categorialmente e dialeticamente, que ela, a corporeidade, fundamentará a mediação entre o corpo e a forma, significando que, o sujeito só se assumirá como seu corpo (dado ou natureza) em sua forma, consolidando-se em um movimento de constituição essencial do ser como ser que se autocompreende. Então, a corporeidade se mostrará, segundo a concepção de Vaz (2011, p. 187),

como um eidos categorial, ou seja, irreduzível aos outros conceitos fundamentais que exprimiram a essência do sujeito. Esse movimento dialético no nível da constituição da categoria pressupõe, portanto, que a forma ou expressão do sujeito já tenha se constituído primeiramente pela mediação empírica e em segundo pela mediação abstrata. Desse modo, (...) ao situarmos a corporeidade no interior do movimento dialético de constituição do sujeito, atribuímos ao corpo o estatuto de estrutura fundamental do ser do homem e a corporei-

dade o estatuto de categoria constitutiva do discurso da antropologia filosófica.

Contudo, será pela autocompreensão que o homem se enunciará, partindo de duas proposições: a primeira, diz que o corpo próprio é o próprio sujeito, isso traduzirá, de forma expressiva, as várias formas exteriorizadas de sua presença no mundo; e a segunda, refere-se ao fato de que o corpo é o sujeito, significando, contudo, que ele é o suporte das significações na relação com o mundo, correspondendo à abertura do sujeito frente a si, ao outro e ao mundo, ou seja, a intersubjetividade. Portanto, a partir da Antropologia Lima vaziana, concluir-se-á que, é no movimento e este considerado em sua dialeticidade, que a realidade do corpo se constituirá como essencial, desta forma, será o ser, o meio pelo qual, se afirmará a correspondência conceitual entre o homem e o seu corpo. Então, o homem é o seu corpo, entretanto, o ser do homem só se mostrará na atividade de conhecer e, por meio dela, transcenderá sua corporeidade, ou seja, os limites da simples e imediata presença no mundo. Por fim, frente à capacidade de transcender o homem é conceitualizado e, nesse processo, atinge a sua totalidade, avançando para além das fronteiras do corpo, estabelecendo, uma identidade. Entretanto, para Vaz (1992, p. 147),

se considerarmos a experiência da auto realização sob o aspecto da corporalidade, vemos que, na medida em que o corpo próprio mediatizado pelo Eu sou como Eu corporal é o domínio onde se constrói a unidade do sujeito em face da dispersão espaço-temporal do mundo, essa unidade permanece sempre ameaçada pela relativa independência com que, no âmbito do corpo, desenvolvem-se os processos físico-químicos e especialmente biológicos da vida.

CONCLUSÃO

De forma geral, conclui-se que em Husserl há uma busca epistemológica pela superação das posturas dicotômicas e estas, fundamentalmente, basearam-se em uma delimitação fenomenológica, que estabeleceu uma nova relação entre sujeito e objeto, entre o homem e o mundo, considerando-os como polos inseparáveis. Deste modo, o corpo não será mais um simples objeto, mas um fenômeno, um acontecimento, na medida em que sua consciência estabelece uma unidade cognoscível entre o corpo e sua realidade que é o mundo. Contudo, observa-se que, a partir da delimitação da consciência, o que há é o que se pode estabelecer como relação do corpo com o próprio corpo a partir da dinâmica corporal, tendo como pano de fundo seus gestos, atitudes e reflexos, fruto de suas sensações e de suas experiências. Infere-se, portanto que para ele, o corpo, sua estética e sua motricidade serão manifestadas quando este se tornar uma extensão da existência, uma extensão do espaço/tempo. Entretanto, na teoria husserliana, a consciência se mostrará limitada e tal limite será dado pela própria vivência.

Por fim, partindo dos princípios e fundamentos estruturais presentes na Antropologia Lima vaziana, afirmar-se-á, contrapondo Husserl que, o corpo não é alguma coisa que eu tenho, mas sim, ele é, também, o que eu sou. É fato que, as experiências advindas dos objetos exteriores estimulam a nossa capacidade perceptiva e que, portanto, existem e são vivenciadas. Mas, também é verdade, que estas estimulações dependem da autonomia e do funcionamento sistemático de todo o processo que envolve a cognoscibilidade. Entretanto, a crítica à concepção husserliana, focará no estar no mundo pelo corpo, correspondendo a uma situação corporal, fonte de todas as incertezas do ponto de vista da essência, já que, no que tange ao que é em si mesmo, o estar no mundo pelo próprio corpo será assumido como questão principal, sendo tratado como uma forma e esta em um movimento dialético de mediação. Assim, em Lima Vaz, o que caracterizará o homem e o seu corpo é o ser situado e estruturalmente categorizado em sua totalidade, tanto em suas exterioridades, quanto nas interioridades, havendo desta forma, a afirmação de uma identidade dialética constitutiva de uma base predicativa e nesta, estabelecer-se-á a pluralidade que define o homem em sua corporeidade, circunscrevendo uma espacialidade temporal que, intencionalmente, se faz presente em seu ser. Portanto, a utilização do conceito de corpo próprio designa o atributo fundamental que expressa o ser sujeito sobre o próprio sujeito.

Assim, sobre a tematização do corpo, poder-se-á concluir que, a categorização da corporeidade será o ponto de partida no processo de compreensibilidade do autoconhecer, por meio do qual se estabelecerá a essencial condição do ser corporal do homem.

REFERÊNCIAS

- BARCO, Aron Pilotto. *A concepção husserliana de corporeidade: a distinção fenomenológica entre corpo próprio e corpos inanimados*. Synesis, Rio de Janeiro, Petrópolis, ago/dez 2012. n. 2, vol. 4, p. 01 -12.
- BENEDETTI, Eduardo José B. *A crise e sua superação: notas a partir do pensamento de Husserl*. Enciclopédia Pelotas, Rio Grande do Sul, Pelotas, Junho, 2016. Vol. 05, p. 178 – 192.
- CERBONE, David R. *Fenomenologia*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- DEPRAZ, Natalie. *Compreender Husserl*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- FERRAZ, Marcus Sacrini A. *O corpo em Merleau-Ponty: a dimensão carnal do mundo*. Mente, cérebro e filosofia, São Paulo, 2011. n. 5, p. 93 – 98.
- HEIDEGGER, Martin. *Os Pensadores*. Trad. Stein Ernildo. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- MISSAGGIA, Juliana. *O conceito husserliano de corpo: Sua Dualidade e função nas experiências perceptivas*. Problemata, Rio Grande do Sul, Santa Maria, Setembro, 2017. n. 3. Vol. 8, p. 196 – 208.
- REALE, Giovanni – ANTISERI, Dário. *História da Filosofia – Vol. III*. São Paulo: Paulinas, 1991.
- ROVIGHI, Sofia Vanni. *História da Filosofia Contemporânea: do sec. XIX à Neoescolástica*. São Paulo: Loyola, 2004.
- SACRINI, M. *Fenomenologia e ontologia em Merleau-Ponty*. Campinas: Papirus, 2009.
- VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Antropologia filosófica I*. São Paulo: Loyola, 2011.

- _____. *Antropologia Filosófica II*. São Paulo: Loyola, 1992.
- _____. *Escritos de Filosofia II: Ética e Cultura*. São Paulo: Loyola, 1988.
- _____. *Escritos de filosofia I: Problema de fronteiras*. São Paulo: Loyola, 1986.
- _____. *Escritos de Filosofia VI: Ontologia e história*. São Paulo: Loyola, 2001.
- _____. *Escritos de Filosofia VII: Raizes da Modernidade*. São Paulo: Loyola, 2012.
- _____. *Introdução a antropologia filosófica*. Belo Horizonte, 1966.